

## OS FILHOS DO CAPITÃO JOÃO PEDRO

— TEMPO DE SECA, moço, a gente vê coisas!

E o velho João Pedro, capitão reformado, veterano do Paraguai, que vivia em Fortaleza, silenciosa e tranqüilamente, do seu modesto soldo, ficou por muito tempo pensativo, riscando com a ponteira do guarda-sol “barraca” o saibro fino do chão. Estávamos sentados num banco do Passeio Público da capital cearense, diante do mar verde e bravio, à sombra de altas castanholeiras que ramalhavam ao vento da tarde.

O sol dava nos areais alvíssimos da costa desabrigada, ainda com força. Sobre eles, as sombras dos coqueiros lentamente se estiravam, à proporção que o astro descia para o ocaso. O capitão levantou a cabeça e repetiu:

— Tempo de seca, moço, a gente vê coisas!

Pedi que me contasse algumas. Levantou-se, ofereceu-me grosso cigarro de palha de milho e fumo picado, dos chamados “peito de vaca”, acendeu outro e caminhou para a velha fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, que se encostava ao Passeio. Disse-me:

— Prefiro falar nessas coisas andando.

Compreendi que desejava um meio de disfarçar qualquer emoção e segui-o. Trepamos sobre a larga muralha ameiada, construída pelo marechal Pedro José da Costa Barros, e ficamos instantes de olhos perdidos na paisagem praieira que se estendia dos nossos pés ao horizonte. Na fímbria do mar e do céu, na “risca” dos jangadeiros, para o norte, vultos azulados de serras, ou dunas, surgiam à flor das águas, como grandes naus de guerra em linha de batalha. Sobre a costa árida, de revoltos areais brancos, os três coqueiros tristes da Lagoa Funda, o telhado e os altos pára-raios do Paiol da Pólvora, a barraquinha do Telégrafo Submarino e os lábios espumantes das ondas. Por trás dos morros do Croatá e do Moinho, cobertos de casas como uma lapinha, apareciam as casuarinas do antigo cemité-

rio dos Ingleses. Aquém dos morros, parte da estação ferroviária, rampas imundas, os muros brancos da Cadeia, a fachada da Santa Casa e os negros reservatórios do Gasômetro.

Abaixo de nós, viam-se galpões aduaneiros diante das águas tumultuárias da maré enchente, que batia com violência, espadanando espumaradas, de encontro ao abandonado quebra-mar das Obras do Porto; um maceió enegrecido pelo pixe do Gasômetro, que desembocava no poço da Draga, coalhado de alvarengas, lanchas, botes, escaleres e bateiras.

Daí o olhar passava pelo Arsenal de Marinha, enfiava pela rua do Chafariz, toda ensolada, encontrava ao fundo um coqueiral barrando a perspectiva, desviava-se para o mar, onde alvejavam velas de jangadas, demandando o Porto, ou o Meireles, e seguia as curvas do litoral até a volta da Jurema e a ponta do Mucuripe, dominada pelo seu farol.

O velho esquecera-me, distraído pela vista. Pulei para o recinto atapetado de ervas das velhas baterias. Ele acompanhou-me por entre os canhões de bronze, que ainda ostentavam no dorso, acima das alças em forma de golfinho, serpente, ou dragão, as armas lusas, castelhanas e flamengas. E foi dizendo:

— Um caso de seca que lhe queria contar veio-me à lembrança ali no Passeio Público, onde se passou. Como você sabe, debaixo das suas árvores, o governo do Estado, quase sem recursos e sempre sem inteligência, acomodou, na última seca, grande parte dos retirantes que alcançaram a capital. Aquele belo lugar ficou reduzido a um acampamento desordenado e miserável. Dos galhos baixos das mongueiras e outras árvores pendiam centenas de redes pequenas, rasgadas e imundas. Sobre três pedras, as panelas de cozinhar o feijão das distribuições, n'água e sal. Ao pé dos troncos, acumulados, caixotes e trouxas, surrões e cestos, esteiras e caçuás. No meio dessa confusão, homens esquálidos, de ceroulas e camisas de algodãozinho roto e negro de sujeira, mulheres cadavéricas, enroladas em colchas de retalhos, crianças de todos os tamanhos, andrajosas, ou nuas, todas famintas e tristes. Nem uma cantiga, nem um som de viola nesse arraial desolado! Pobre gente!

Chegávamos a um bastião mais alto, onde havia restos de antigo mastro de sinais. Debrucei-me do parapeito. Lá embaixo alumiaava o córrego do Pajeú, entre os capinzais do sítio do Mississippi. O capitão João Pedro prosseguiu:

— Cada pessoa da cidade veio trazer a esses miseráveis um pouco de conforto: este, roupas velhas; esse, embrulhos de café; aquele, um pedaço de carne; aquele outro, um saquinho de feijão. Não

houve quem se não apiedasse de tanta miséria e esquecesse a esmola que podia dar. Em frente ao Passeio, morava nesse tempo, numa casinha baixa, de porta e janela, o Zé Remígio, guarda da Alfândega, que tinha mais filhos do que cabelos na cabeça. Vivia quase na miséria. Seu pequeno ordenado não chegava para sustentar a família. Por isto, a mulher matava-se a fazer “doces de tabuleiro”, que os meninos vendiam pelas ruas. Ele fazia todas as economias possíveis. A fim de não pagar ao barbeiro, cortava o cabelo da filharada, adquirindo, com o tempo, bastante prática desse mister.

Pois, meu amigo, esse pobre homem não podia dar aos retirantes do Passeio um vintém, ou uma cuia de farinha, porque isso faria falta aos seus. Mas a caridade é grande como o mundo, quando é espontaneamente verdadeira. E o pobre Zé Remígio achou jeito de ajudar aqueles infelizes a carregar o peso da sua aflição. Todas as manhãs, antes de ir à Alfândega, aparecia no Passeio, como muitas vezes vi com estes olhos que a terra há de comer, para cortar de graça os cabelos sujos, emaranhados, cheios de piolhos daqueles que a seca expulsara do sertão!

Nunca tivera relações com esse ótimo homem. Conhecia-o somente de vista. Porém, depois que o vi agir assim, passei a cumprimentá-lo com mais honra e maior prazer do que ao Presidente do Estado, — esse que aí está, o que já passou, ou o que está para vir!

Demorei os olhos na larga face brunida de sol e enrugada pelos anos do velho soldado, toda emoldurada em cabelos brancos. Estávamos de pé junto a um grande canhão, que alongava o pescoço sobre o respaldo em declive da muralha. O sol rasava a superfície convexa dos morros, lá pelos lados da barra do rio Ceará.

— Entretanto, Deus ainda se não apiedara do Ceará infeliz, nessa terrível seca! Além da fome e sede, veio a peste! As bexigas começaram a matar aqueles que haviam escapado à miséria. Zé Remígio, coitado! cortando o cabelo daquela gente desamparada, em contato diário com ela, levou a doença para casa: morreu primeiro a filha mais velha; depois, a mulher; por fim, ele lá se foi também! . . . Um horror! Deixava sozinhos neste mundo de amarguras oito crianças, das quais a mais velha contava somente onze anos!

Piedade e admiração invadiram-me a alma, privando-me momentos de falar. Enfim, rompi o silêncio:

— Que destino tiveram esses pobrezinhos, capitão?

O velho baixou a cabeça, como envergonhado, como se tivesse praticado uma ação má. Bruscamente anoitecera, como sempre anoitece nessa terra tropical sem crepúsculos suaves, e na noite tranqüila e imensa, lentamente, o nobre ancião me respondeu:

— Deus não me deu filhos, moço, e eu tomei esses para mim.